

Plano Nacional de Leitura Histórias para quem está a aprender a ler

São três livros digitais, da autoria de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com ilustrações de Nuno Feijão, focados nas necessidades no processo de aprendizagem da leitura, seguindo as recomendações de um estudo científico. O JL entrevista as autoras, mas também os elementos da equipa científica que está na base do projeto e os responsáveis Teresa Calçada (comissária PNL) e Daniel Carvalho (secretário-geral da EDULOG)

Quando as crianças começam a aprender as primeiras letras, diz a ciência na área das metodologias do ensino da leitura, que é importante proporcionar-lhes momentos de leitura individual, com livros que elas consigam ler. Histórias que possam ser totalmente lidas, proporcionam satisfação e motivação aos pequenos leitores. O inverso é também verdade, dizem os especialistas na área da aprendizagem e ensino da leitura. Sem livros para ler de forma autónoma, as crianças que se estão a iniciar na leitura desanimam. Perdem, muitas vezes, a motivação que tinham já adquirido em família ou no pré-escolar. Em Portugal, pela primeira vez, criam-se histórias que podem ser lidas por quem ainda não conhece todas as letras do alfabeto.

O Plano Nacional de Leitura 2027 e o EDULOG – Fundação Belmiro de Azevedo acabam de publicar três livros digitais que atendem, precisamente, aos constrangimentos das sucessivas etapas da aprendizagem da leitura. Têm por base as últimas recomendações científicas para a criação de histórias dirigidas a crianças do 1.º ano. As escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães são as autoras destas narrativas curtas e compreensíveis. Elaboradas com frases simples e palavras que incluem fonemas-grafemas dominados pela criança em cada uma das três fases de aprendizagem da leitura. Os livros vão estar disponíveis, de forma gratuita, na plataforma digital LER: <https://ler.pnl2027.gov.pt/>. Além das escritoras e do ilustrador Nuno Feijão que dá vida às narrativas, o Jornal de Letras entrevistou a equipa de investigadoras Fernanda Leopoldina Viana e Iolanda Ribeiro, responsáveis pela ciência por detrás destas histórias, Teresa Calçada, comissária do PNL 2027 e Daniel Carvalho, secretário-geral do EDULOG, para perceber o alcance deste projeto.



Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Fonemas-grafemas e metas pequenas

ISABEL ALÇADA E ANA MARIA MAGALHÃES

Jornal de Letras: Escreveram três livros infantis que têm a particularidade de só usarem algumas combinações dos sons e das letras que se encontram nas palavras. Que preocupações estão por trás desta ideia?

Isabel Alçada: As histórias são essenciais no desenvolvimento das crianças porque abrem horizontes, facilitam a comunicação, estimulam o desenvolvimento cognitivo. Quando iniciam a aprendizagem formal da leitura, por volta dos seis anos de idade, muitos alunos tentam logo ler histórias. Procuram decifrar o que encontram nos livros. Geralmente não conseguem,

porque ainda não dominam todo o leque das variadíssimas combinações de fonemas-grafemas da nossa língua. E que surgem até nos textos mais simples dos livros de literatura infantil. Muitos alunos, mesmo os mais entusiasmados, em vez de sentirem que vale a pena o esforço necessário para aprender a ler, sentem-se frustrados e desmobilizam.

Ana Maria Magalhães: É muito importante que as crianças queiram aprender, que se sintam encorajadas e não desistam até atingirem as primeiras metas. Até serem capazes de começar a ler e compreender

textos curtos e simples. O problema é que não os encontram. Não existem textos à medida das “competências” de leitores em iniciação. Se em vez de uma meta longínqua, propusermos às crianças metas alcançáveis, ou seja, pequenas histórias que incluam exclusivamente o que já sabem decifrar e palavras que conhecem bem, porque fazem parte do seu léxico mental, as crianças ficam contentes com a experiência acreditam que o esforço vale a pena.

IA: Há muito que temos consciência da necessidade deste tipo de histórias. Agora, pudemos

escrevê-las graças ao trabalho das professoras Fernanda Leopoldina Viana e Iolanda Ribeiro, da Universidade do Minho, que nos disponibilizaram informação sobre os fonemas-grafemas que deveríamos incluir em histórias destinadas a três patamares do percurso escolar de alunos no primeiro ano de escolaridade.

Como foi escrever com o constrangimento de não poder usar todas as palavras a que habitualmente recorrem nos livros que escrevem para as crianças mais novas?

AMM: Foi um autêntico quebra-cabeças. Para dar um exemplo, nas histórias destinadas às crianças que ainda estão no que convencionamos designar primeiro patamar só podíamos escrever textos com cerca de 50 palavras. Podíamos usar todas as vogais, mas apenas 14 consoantes, alguns ditongos e um conjunto restrito de dígrafos. A letra s era uma das proibidas, dado que só é aprendida numa etapa posterior. Com esta restrição não podíamos incluir plurais. Descobrimos que as consoantes proibidas nos faziam imensa falta para contar a história que tínhamos imaginado e que as vogais nasaladas, igualmente proscritas, se infiltravam subrepticamente, sem nós darmos conta....

IA: Nos patamares seguintes o processo foi idêntico. Íamos escrevendo a história e fazendo revisões e mais revisões, com o apoio da professora Fernanda Leopoldina Viana. Por vezes, parecia-nos que uma das histórias já estava bem e no dia seguinte descobríamos palavras que não podiam aparecer e nos obrigavam a mudar o enredo. O Nuno Feijão, com quem trabalhamos há longa data, fez um trabalho magnífico e demonstrou uma admirável paciência. Foi necessário corrigir o texto e refazer as sequências de imagens vezes sem conta, para tornar o livro digital verdadeiramente adequado à leitura de alunos que ainda só tenham um domínio parcelar.

O que podem os pais e os professores esperar destas histórias?

AMM: Os pais e professores dispõem agora de instrumentos, que julgamos muito úteis para facilitar a aprendizagem da leitura. As crianças podem ler com os adultos e para os adultos.

IA: E temos esperança de que também queiram ler sozinhas. Quando as crianças procuram livros para ler sozinhas estão no bom caminho. Se assim for, o nosso trabalho terá a melhor compensação a que um autor de livros para crianças pode aspirar: ajudar os mais novos a dominar a leitura, des-cobrimo em simultâneo o prazer de ler. **JL**

* Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, escritoras

Democratizar e universalizar informação

DANIEL CARVALHO

Jornal de Letras: Como é que este novo projeto se insere no trabalho que está a ser realizado pelo EDULOG – Fundação Belmiro de Azevedo? **Daniel Carvalho:** A aprendizagem e o sucesso educativo estão alicerçados na leitura e na escrita, áreas em que o papel do professor do primeiro ciclo é determinante. Esta foi uma marca que ficou em Belmiro de Azevedo, que muitas vezes lembrou o impacto decisivo que nele teve o seu professor primário. Se queremos cidadãos que não se deixam manipular, fundamentam as suas afirmações e tomam opções esclarecidas, temos de promover a leitura e estimular a escrita. Ao mesmo tempo tornar esta aprendizagem prazerosa para as crianças. Isto implica que a escrita dos textos tenha em consideração a idade, as capacidades e o ritmo das crianças. Daí nasce este projeto que cria livros que vão ao encontro destas especificidades. Foi um trabalho fantástico, porque obrigou os seus autores a colocar-se nos sapatos de uma criança que está a aprender a ler.

À semelhança do que têm feito com os estudos e publicações concebidas no âmbito do vosso trabalho, também estes livros serão disponibi-

lizados, desta feita no portal LER, outro projeto apadrinhado pelo EDULOG. Porquê a tónica no acesso digital?

Para democratizar e universalizar informação é preciso chegar o mais rapidamente possível e ao maior número de pessoas. O conteúdo que produzimos é todo disponibilizado digitalmente sem obrigar a qualquer registo nas plataformas. Não queremos criar qualquer condição que dificulte o acesso à informação. Todos os conteúdos dos portais LER, Observatório da Educação – Edustat.pt e do site institucional do EDULOG são de acesso livre. Os debates que promovemos, por exemplo, são todos disponibilizados em vídeo, em podcast e por escrito, em transcrições em formato PDF. O EDULOG procura intervir na melhoria do sistema educativo. Fá-lo, através de recomendações ao nível dos decisores políticos. Mas os pais, os professores, os alunos, os investigadores, a sociedade em geral são também parceiros fundamentais neste processo de melhoria do sistema educativo. E para isso têm de estar informados. JL

* Daniel Carvalho, secretário-geral do EDULOG – Fundação Belmiro de Azevedo

Um passo importante na promoção da leitura

TERESA CALÇADA

Jornal de Letras: O que é que este novo projeto “Livros para a iniciação à leitura” acrescenta ao trabalho desenvolvido pelo Plano Nacional de Leitura (PNL2027)?

Teresa Calçada: Com este novo projeto, o PNL 2027 vem preencher uma lacuna importante. Até à data, não tínhamos livros com histórias que acompanham a ordem pela qual são ensinadas as correspondências letra – “som”. Ao fazê-lo estas histórias evitam a confrontação do aluno com conhecimentos de que ainda não dispõe o que comprometeria a leitura de certas palavras do texto e, conseqüentemente a compreensão da história, algo, por certo, extremamente desmotivante.

Estes livros digitais têm a particularidade de associar a investigação sobre aprendizagem da leitura à criação de histórias. Que desafios trouxe esta articulação com o conhecimento científico?

Criar livros adequados ao conhecimento e à capacidade de leitura das crianças implica ter presentes várias questões. A primeira é o conhecimento das correspondências grafema – fonema. Se num texto surgem palavras com correspondências que ainda não foram aprendidas, a criança não será capaz de as ler. A tendência

para contornar essa dificuldade será adivinhar. Mas ler não é um processo de adivinhação. Ler implica utilizar o conhecimento que temos, ou vamos adquirindo, sobre o sistema de escrita e ortografia da nossa língua, para identificar as palavras escritas. Outro aspeto a considerar é a estrutura das sílabas e o comprimento das palavras. Temos sílabas mais simples como “VI”, com uma consoante e uma vogal, e outras mais complexas como “FLOR”. Quanto ao comprimento da palavra, numa fase inicial, quando a leitura é lenta e esforçada, as palavras mais compridas levam mais tempo a ler, o que pode comprometer a compreensão. Por fim, a estrutura das próprias frases. Se a atenção do leitor ainda está muito dirigida para a identificação das palavras, no final da leitura de uma frase é possível que tenha dificuldade em recordar-se do que leu e em processar a própria estrutura da frase. A ponderação destes fatores impõe limites muito estritos na escolha das palavras, na redação das frases, o que colocou às autoras um verdadeiro desafio.

Quais são as suas expectativas sobre a forma como estes livros, que serão disponibilizados na plataforma LER, irão ser usados?

A expectativa é, naturalmente, grande.

Professores e pais que vão passar a dispor de um leque mais adequado de opções de incentivo à leitura para as etapas iniciais. Os leitores aprendizes vão passar a dispor de um conjunto de histórias que conseguem ler. Foi dado mais um passo importante na política de promoção da leitura.

Teresa Calçada, comissária do Plano Nacional de Leitura (PNL2027)



A conversa continuou e acabaram por tomar todos a mesma decisão: deixarem-se de lamúrias...

A ilustração enriquece o texto

NUNO FEIJÃO

Jornal de Letras: Ilustrou vários livros das escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães. Em que medida se distinguiu (ou não) de outros? O que achou mais desafiador neste trabalho?

Nuno Feijão: O que poderá distinguir este trabalho de ilustração de outros será a componente pedagógica e científica. Dê-mos vida a um projeto para facilitar a aprendizagem da leitura pelo que o principal, sem sombra de dúvida, é o texto. Todo o trabalho que está feito antes de me ser passado pela autoras, com o apoio da professora Fernanda Leopoldina Viana, é enorme e fantástico. Mas é sempre um desafio estar à altura da criatividade da Isabel Alçada e da Ana Maria Magalhães. A ilustração tem que ser um elemento que complementa o texto, que exista, que enriqueça, que apoie e que não seja distrativo. As técnicas que usei para pintar os cenários ou os personagens vão nesse sentido.

Esses requisitos pedagógicos e científicos refletiram-se na sua criatividade?

Definidas as componentes pedagógicas e científicas – o texto tem que obedecer necessariamente ao tipo de letra, tamanho, espaçamento e posicionamento na imagem – a articulação com o processo criativo faz-se tranquilamente pois, a liberdade criativa mantém-se. Os textos foram acompanhados pelas sugestões das autoras em



relação ao guião da história o que permite uma mais rápida visualização da linha de continuidade inerente ao curso do que se pretende contar.

Como foi o processo de ilustração das

histórias? Pode dar alguns exemplos?

Comecei por construir as imagens que, como banda desenhada, vão ilustrar o texto. Desenho os esboços de cada quadrado a lápis, para começar a ter a noção de espaço e posicionamento das personagens, da construção dos cenários e da colocação dos balões das falas. Segue-se a criação das personagens fazendo vários desenhos de cada um até ficar satisfeito com o resultado. Desenho as personagens em várias posições e várias expressões como de surpresa, contente, triste, zangado, de lado e de frente, etc. Através do scanner passo para o computador, apuro o traço e pinto as cores, experimentando várias soluções de cores para cada um. Passo aos cenários que vão ilustrar cada quadrado da história. Depois de os desenhar passo à pintura com ecolinas e aguarelas e finalizo com os outlines. Passo os cenários para o computador. No programa de pintura e montagem coloco os elementos todos a que junto os textos – narração e balões. O tipo de letra, bem como o tamanho e espaçamentos e a ordem dos diálogos que estão em balões vêm definidos.

Nuno Feijão, ilustrador

Ler um livro do princípio ao fim

FERNANDA LEOPOLDINA VIANA E IOLANDA RIBEIRO

Jornal de Letras (JL): Qual foi o vosso contributo como investigadoras da leitura para a criação destes livros que agora o PNL e o EDULOG publicam?

Iolanda Ribeiro (IR): Como investigadoras estamos sempre preocupadas em devolver à comunidade os resultados do nosso trabalho. Num dos projetos que desenvolvemos identificámos as sequências com que as letras são introduzidas nos manuais escolares. Essa identificação esteve na base das sequências didáticas desenvolvidas para a plataforma Ensinar e Aprender Português, um recurso educativo que procura ligar as práticas dos professores e a abordagem do som para a letra.

Fernanda Leopoldina Viana (FLV): Em Portugal faltavam livros que pudessem acompanhar a progressão da aprendizagem da leitura. Com a atual cobertura do pré-escolar, quando começam a aprender formalmente a ler as crianças já tiveram contacto com a leitura pela voz dos outros. Estão motivadas e expectantes. Esperar um ano letivo inteiro para serem capazes de ler um livro de forma autónoma não alimenta esta motivação. Ou seja, não responde à urgência de muitas crianças e corremos o risco de perder leitores antes de o serem. Quando as crianças sentem que já conseguem ler um livro do princípio ao fim, as suas perceções de auto-eficácia aumentam exponencialmente. E são essas perceções que vão ditar se elas iniciam a tarefa, que esforço vão despende e se vão ser perseverantes caso surjam dificuldades.

Com avaliam o resultado desta parceria entre investigação e criação de histórias para crianças?

FLV: Um trabalho em que os constrangimentos são imensos em termos de texto é altamente desafiador. Exige nunca perder de vista o destinatário. O objetivo principal no final de cada episódio é que o leitor diga “sou capaz” e tenha vontade de avançar para o próximo. Sentimos que cada palavra, cada ilustração mudada, cada balão de fala introduzido ou retirado eram sempre pensados em função do aprendiz leitor. O número de palavras em cada um dos episódios, o tipo de letra, as translineações, a repetição de algumas palavras, a ausência de elementos que pudessem funcionar como distratores na ilustração ou a inclusão de outros que permitissem a confirmação, por parte do leitor, daquilo que acabou de ler, foram alguns dos aspetos discutidos e analisados.

IR: Vamos poder ver nos rostos de muitas crianças a felicidade de não terem de esperar pelo final do 1.º ano para conseguirem, como elas dizem, “ler um livro todo, do princípio ao fim”.

FLV: Correndo o risco de parecermos megalómanas, por convocar as palavras de Neil Armstrong, em julho de 1969, foi “um pequeno passo para um homem, um passo gigantesco para a humanidade”. (Risos). Posso dizer que foi um passo pequenino. JL

* Fernanda Leopoldina Viana e Iolanda Ribeiro, investigadoras na área da leitura e professoras da Universidade do Minho